

As se liberada a comercialização interna, os exportadores passaram a se interessar pela conquista deste novo mercado, oferecendo orientação às indústrias no que concerne à importância da formação de estoques e da programação de compras. Assim, a indústria passa a se contactar com produtores, exportadores e também maquinistas (12).

Apesar da maior liberdade no reajuste dos preços do café regular, várias empresas com estruturas deficientes passaram a enfrentar problemas sérios na nova conjuntura, diante da necessidade de maior capital de giro para compra e estocagem da matéria-prima. Em 1975, o número de indústrias reduziu-se em mais de 200.

Por isso, entenderam os responsáveis pelo setor interno do café a necessidade de união entre a Indústria e Governo, no sentido de verificar as reais condições do mercado. Formou-se, então, um Grupo de Trabalho Misto composto por elementos da ABIC e do IBC, numa tentativa de cooperação mútua para o andamento da atividade produtiva. Dessa união resultaram algumas diretrizes, principalmente no que se relaciona à normalização do número de torrefadoras existentes, à criação de linhas de financiamento para o setor e à necessidade de se dar novo impulso ao consumo de café.

A Indústria procurou sua modernização, objetivando o aperfeiçoamento do processo de produção com intuito de melhoria de qualidade e apresentação mais atrativa ao consumidor, como é o caso da embalagem à vácuo, que proporciona durabilidade maior ao produto.

A perspectiva de melhor rentabilidade no setor atraiu o interesse de outros grupos – nacionais e multinacionais – já atuantes no mercado, através da inovação de filtros de papel e da própria indústria do café solúvel, aumentando a concorrência interna.

A indústria nacional de café solúvel foi basicamente criada na década de 60 para possibilitar a produção doméstica deste tipo de café e permitir a diversificação das exportações brasileiras. Isto se enquadra dentro da orientação de política econômica de estimular as

vendas externas de produtos processados ao invés de vendê-los in natura. Na década de 70, pode-se dizer que a Indústria do Solúvel já contava com ampla capacidade instalada e passou a intensificar sua colocação no mercado internacional. Diante de dificuldades encontradas nas barreiras protecionistas nos países importadores – resistência das indústrias locais – a indústria brasileira também se volta para o mercado interno (13).

Assim, a indústria de café solúvel recebeu do IBC a permissão da utilização de créditos acumulados do Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM) das exportações bem como fornecimento a preços subsidiados, direcionando-a para a produção do café regular e permitindo a redução dos diferenciais de preços entre os dois tipos de café. Este fato conduziu a um acirramento na concorrência interna.

O consumo per capita de café regular sofreu queda brusca em 1972, continuando esta trajetória até o final do período analisado, ao passo que o consumo per-capita de café solúvel tem crescido persistentemente (figura 1). A participação do solúvel no consumo total, que não ultrapassou a ordem de 0,5% na década de 60, teve rápida evolução na década de 70, atingindo 5,63% em 1981. A relação entre preços por quilo de solúvel do regular declina rapidamente a partir de 1968 (quadro 4). Observa-se esta mesma tendência através do cálculo da relação entre preços por xícara de café solúvel e preços por xícara de regular, que chega, inclusive, a se inverter em alguns anos. Estes fatores indicam algum grau de substituição entre os dois tipos de café.

A possibilidade da manutenção dos preços de varejo de café solúvel, comparativamente inferiores ao café regular ao longo da década de 70, deve-se aos seguintes fatores:

- menor peso da matéria-prima no custo de fabricação do café solúvel do que no de torrado e moído;
- permissão de utilização de créditos acumulados de ICM das exportações pela indústria do solúvel; e
- existência de indústrias que atuam no ramo de alimentos, que fabricam o café solúvel e por isso podem ratear as elevações de preços da matéria-prima entre todos os produtos fabricados por elas.

(12) Maquinistas são comerciantes que adquirem o café dos produtores, sem prévia classificação e eles próprios efetuam a separação dos defeitos para obter o tipo mais elevado, vendendo-o, após isto, aos exportadores e ao IBC, sendo o de pior qualidade, vendido à Indústria interna.

(13) A questão do café solúvel pode ser acompanhada em MENDONÇA DE BARROS (22) e DORIA (12).